

QUANDO  
O AMOR  
VAI EMBORA



Solicite nosso catálogo completo, com mais de 350 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances palpitantes, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita – iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livreria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

*Edição e distribuição*

**EDITORA EME**

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari - SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 99983-2575 📞 | Claro (19) 99317-2800

vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

RUBENS TOLEDO

QUANDO  
O AMOR  
VAI EMBORA

Capivari-SP  
- 2018 -

© 2018 Rubens Toledo

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pelo autor para a Editora EME, o que propicia a venda dos livros com preços mais acessíveis e a manutenção de campanhas com preços especiais a Clubes do Livro de todo o Brasil.

A Editora EME mantém, ainda, o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição – março/2018 – 3.000 exemplares

CAPA | André Stenico

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO | Editora EME

REVISÃO | Sonia Rodrigues Cervantes

#### Ficha catalográfica

Toledo, Rubens, 1955

Quando o amor vai embora / Rubens Toledo – 1ª ed. mar.  
2018 – Capivari, SP: Editora EME.

176 p.

ISBN 978-85-9544-052-4

1. Romance espírita. 2. Lei de ação e reação. 3. Reprodução assistida.

I. TÍTULO.

CDD 133.9

# SUMÁRIO

Explicação necessária .....	7
I - Acidente na rodovia .....	9
II - Auxílio terapêutico .....	15
III - Vinha de Luz .....	21
IV - Coisas do coração.....	27
V - Cuidado com o que pensa .....	35
VI - Separação e dor .....	43
VII - Até o último ceitel.....	49
VIII - Crise .....	57
IX - Rompimento .....	63
X - Um novo amor .....	69
XI - Até quando?.....	75
XII - Aos pés do altar.....	83
XIII - Golpe.....	93
XIV - Reprodução assistida.....	101

XV - Revendo o passado .....	107
XVI - Retorno à carne.....	113
XVII - Quando o amor vai embora .....	119
XVIII - Natal e tragédia.....	125
XIX - Fim da farsa .....	133
XX - Jéssica.....	141
XXI - Nascimento e morte.....	149
XXII - Ante a consciência.....	159
XXIII - Irene Miyashiro .....	167

# EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Esta não é uma obra mediúnica. No entanto, os espíritos têm participação direta no resultado deste livro, porquanto muitos aspectos da trama aqui narrada escapavam ao meu conhecimento e campo de pesquisa.

Assim é que, a cada manhã, despertava sob forte impressão do que havia sonhado. Nomes, cenas e mesmo algumas figuras me povoavam a mente ao longo do dia. Vinha-me, então, o desejo de escrever. E quando os dedos pousavam sobre o teclado, os diálogos surgiam aos borbotões diante da minha tela mental, como se estivesse vendo um filme na TV.

Espírita que sou, questionava a mim mesmo de onde

vinham tais ideias. Estaria eu projetando, numa obra de ficção, as próprias experiências de vida?

Seria esse o processo de criação dos roteiristas de cinema ou dos autores de telenovelas?

Estava eu nesse embate sem fim, quando escrevi, então, estas linhas finais, tentando ser o mais honesto possível com você, leitor. Pedi a opinião de uma amiga, leitora contumaz e muito sincera nas suas críticas. Mas os amigos costumam ser generosos demais e nos poupam de ouvir certas verdades...

A psicóloga e escritora Francislene Magda da Silva fez o seguinte comentário: “Temos neste romance aspectos importantes da doutrina espírita, como, por exemplo, a sutileza das influências espirituais. Ao mesmo tempo, revela a presença amorosa dos benfeitores espirituais, inspirando-nos para o caminho do bem, da virtude e do perdão, tal qual nos foi ensinado pelo mestre Jesus. *Quando o amor vai embora* é uma contribuição significativa na divulgação dos princípios espíritas de muito proveito para os leitores”.

E isso, para nós, será o bastante para nos deixar satisfeitos.

O autor



# I

## ACIDENTE NA RODOVIA

O CHEIRO DO ÁLCOOL ingerido parece extravasar pelos poros. Não está propriamente bêbada. Consegue enxergar as placas de sinalização, bem como a luz piscando no painel - “travar cinto de segurança”. Mas o alerta é ignorado.

Na descida, o carro quase volita sobre o asfalto e retoma a subida ainda acima dos 160 quilômetros por hora. No celular, a última mensagem digitada: “Devo chegar na manhã de segunda-feira. Beijos!”

Como um bólido o Honda cinza voa por cima do *guard-rail*. O ruído do motor e do impacto na queda sobre a relva chama a atenção do carro que vem em sentido contrário.

- Deus do céu! O carro despencou! - exclama Valéria, que viaja no banco do passageiro.

Júlio, o condutor, vai para o acostamento.

- Ligue para a Polícia! Chame o Resgate... - pede o esposo. E, num ímpeto, corre para o outro lado da pista.

O automóvel capotara algumas vezes até parar na parte mais funda da ribanceira camuflado pela relva. Não fosse testemunha ocular, Júlio dificilmente poderia afirmar que havia um carro caído ali. As autoridades talvez demorassem tempo para localizar o veículo.

- Jesus! - exclama o senhor de sessenta e poucos anos. - É preciso tirar as pessoas do carro, antes que...

Aproxima-se, com dificuldade, do veículo sinistrado. Por sorte, não ocorrera explosão, mas há cheiro de gasolina. Apoia-se nas pedras e observa a fumaça subindo do capô. Pelo para-brisas avariado, nota a condutora ainda à frente do volante. Tenta uma das portas, mas está travada. Força o vidro lateral e consegue, por fim, abrir uma brecha na lataria retorcida. Toca o ombro da vítima...

- Pode me ouvir? Vamos tirar você daí. Fique calma...

Ao ver o esforço do homem em salvá-la, Larissa sente vergonha de si mesma. Como pudera agir de forma tão irresponsável?

- Apoie-se em mim. Força...

Ao tentar se mover, Larissa sente o peso da mala de viagem que viera parar sobre seu colo. Talvez tivesse funcionado como proteção, impedindo que sofresse ferimentos mais graves. Sente dores nas costelas e na altura da nuca. Os movimentos, felizmente, estão preservados.

Cerca de 25 minutos depois, Larissa recebe os primeiros socorros ainda no asfalto, enquanto Júlio dá informações ao policial. Se fosse preciso, iria à Delegacia para prestar mais esclarecimentos. A vítima, consciente,

ajuda a identificar os pertences retirados do interior do carro, incluindo o celular que ainda continuava plugado ao carregador. Os paramédicos se aproximam com a maca e levam-na para a ambulância.

Júlio e Valéria, mais calmos, refletem sobre o acontecido.

- Pobre mulher! Apesar da gravidade do acidente, não parecia nem um pouco assustada. Apenas chorava, como se estivesse arrependida. Você me entende?

- Por que se arriscaria assim, trafegando em alta velocidade? Teria sido uma tentativa de suicídio? - retornou Valéria. - A família foi avisada?

- Ela mesma falou com a mãe, ao celular.

- Graças a Deus!

Coração sensível, Valéria colocara-se no lugar da mãe e dos filhos numa hora dessas.

- Júlio! Não podemos continuar a viagem sem saber o desfecho dos acontecimentos.

De volta à pista, Júlio segue rumo ao Pronto-Socorro do Hospital Municipal, para onde a vítima foi levada. No quilômetro 101 da Rodovia SP-340 o tráfego continua lento, com muitos curiosos observando o resgate do veículo por um caminhão munck, numa operação difícil e demorada.

Momentos depois, na sala de emergências do hospital, Júlio vem tranquilizar a esposa.

- Ela ficará em observação. Sua bagagem e alguns objetos que se encontravam no automóvel continuam à disposição dos familiares. A filha e uma irmã estão vindo para cá.

Do outro lado da Vida, num “cemitério” de automóveis atrás do Posto Rodoviário, figuras sombrias escarnecem da tragédia, meio desapontadas:

- A infeliz parece ter sorte ou é protegida por algum santo - lamentou o chefe do grupo, numa espécie de assembleia com outros espíritos desequilibrados.

O cenário era bem ao gosto daquelas criaturas. O pátio funcionava como depósito para veículos sinistrados. Vítimas de acidentes rodoviários, quais zumbis do asfalto, eram comumente atraídas para o local. Algumas delas insistiam em permanecer junto dos destroços, revivendo os momentos extremos, como se ainda aguardassem socorro.

Trajando um capote que lhe cobria até a cabeça, Capa arrostava sua fúria.

- Não fosse aquele intruso, ela já estaria aqui deste lado.

- Se os santos a protegem, por que não me protegeram também, quando fui traído e atirado ao manicômio?  
- resmungou Gildo, insatisfeito.

- Precisamos ficar atentos com o casal - advertiu Daniel, o motoqueiro, ainda usando luvas e capacete. - Eles estão enfiando minhocas na sua cabeça, com aquele discurso piedoso que já escutamos por aí.

- Pura hipocrisia! Na hora de prestar contas dos próprios atos, buscam refúgio nas religiões. Vão à Igreja, ao templo... Procuram até pai de santo! Pois agora ela vai ver que ninguém fica impune. Justiça! - retrucou o líder, enraivecido.

Capa, como ficara conhecido, não tinha contas a acertar com Larissa, pelo menos que tivesse conhecimento. Mas, se era para vingar um dos seus, faria tudo o que es-

tivesse ao limite das suas forças e inteligência. De outras vezes, por razões que desconhecia, mão superior impedia-o de concretizar alguns dos seus projetos nefandos.

Aprendera também que era possível agir sobre suas vítimas quando estas, liberadas do corpo durante o sono, entravam em contato com o mundo dos espíritos. Mais do que isso, modificava a própria aparência, à sua vontade, imprimindo a si mesmo formas animais, quando era seu desejo assustar, subjugar e manipular as criaturas que caíam nas suas armadilhas. Por isso mesmo, seus liderados o respeitavam e lhe seguiam as ordens quase cegamente.

Com Larissa, também vinha fazendo o mesmo, a ponto de a pobre mulher estar já sofrendo de insônia, tamanho o medo que a envolvia ao deitar-se. Aproveitava as brechas emocionais da vítima, resultantes de fracassos em existências anteriores e os quadros de culpa que lhe pesavam na consciência.

Como se sentisse culpada, oferecia os meios para a aproximação de seus algozes, ávidos de vingança. Esse sentimento era como um convite mental ao plano espiritual inferior, de onde antigos desafetos só precisavam de um simples vacilo da sua parte para se insinuarem no controle da sua vontade<sup>1</sup>.

---

1 O quadro obsessivo já estava próximo de uma subjugação, na classificação dada pelo codificador Allan Kardec. Mas seria erro afirmar que o obsidiado esteja totalmente à mercê dos espíritos obsessores. Eles nos visitam na medida em que lhes oferecemos abertura para isso. A chave da casa mental será sempre nossa. Sem nossa permissão, o obsessor não tem qualquer chance de penetrá-la. Se o fizer, é porque o permitimos.

Não apenas através do sono. Nos últimos dias, vinha sendo tomada por sensações estranhas, que a faziam lembrar outras fases ruins ainda na adolescência. As mãos esfriavam, ao passo que começava a transpirar intensamente. O coração disparava. Nas duas vezes que passara pelo cardiologista, nada fora detectado de anormal. Nem um prolapso ou coisa parecida. Os exames clínicos não acusavam qualquer alteração. Tanto que fora recomendada ao psiquiatra, que lhe receitou calmantes, alguns de uso controlado.

Naquela noite, recolheu-se cedo ao leito. O companheiro notou a agitação que a envolvia. Tão logo adormeceu, por efeito da medicação, viu-se à frente de um dos seus perseguidores. Este, com sorriso debochado, falou, zombeteiro:

- Escapou por pouco! Não fosse a interferência dos “anjinhos”, já estaria recebendo o que merece...

Larissa despertou, imaginando ter ouvido barulho na casa. Foi até a cozinha.

- Às vezes sinto que alguém me espreita - pensou consigo mesma.

Marcos veio saber o que se passava:

- Pesadelo?

- Não estou me sentindo bem... - foi tudo o que conseguiu dizer.

Quem poderia acreditar se dissesse que vira uma assombração? Continuou virando-se, no leito. Ligou a televisão, a fim de espairar a mente... O dia já estava clareando quando, por fim, conseguiu dormir.

## II

# AUXÍLIO TERAPÊUTICO

DO OUTRO LADO DA Vida, entidades dedicadas a proteger, inspirar e conduzir aqueles que se encontram no campo de lutas terrenas analisam o quadro de dificuldades de Larissa. Ela aguarda uma entrevista com o doutor Fábio Penteado, neurologista e psiquiatra conceituado.

Invisíveis aos encarnados, os benfeitores acompanham o caso.

- Aos poucos, seus adversários conseguiram minar suas resistências morais. Nossa irmã já admite que esteja mesmo enlouquecendo. Nesse estado, pode desistir da vida a qualquer momento - assinala Vicente, um dos espíritos empenhados na reabilitação de Larissa.

- Entretanto, em nenhum momento pensou em morrer. Talvez alimente a ideia de forma inconsciente - ponderou Otávio, outro membro da equipe socorrista.

- Na verdade, já cometeu suicídio antes. E o ato continua registrado nos refolhos da sua alma. No modo como

age, há uma intenção subliminar, como se fosse repetir o gesto infeliz do passado. No entanto, só Deus pode devassar o que vai na intimidade dos nossos pensamentos.

Enquanto isso, a jovem senhora ensaia mentalmente as palavras que irá dizer ao médico, quando ouve:

- Larissa Albuquerque Cintra! Por favor... - diz a secretária, indicando-lhe a porta ao final do corredor.

Larissa recompõe-se e dirige-se à sala.

- Pode sentar-se... - diz o médico, simpático, apontando uma das poltronas.

A luz tênue do abajur, projetada sobre as paredes em tons claros, transmitia agradável sensação de paz e tranquilidade. Experiente, o psiquiatra e neurologista inicia a conversação, procurando deixar sua paciente à vontade.

- Esposa, mãe de três filhos, dona de casa... Não bastasse tudo isso, ainda é executiva da área financeira. Às vezes, é preciso respirar... Dar uma trégua, não é mesmo, Larissa?

Embaraçada, a paciente começou a narrar os sintomas que vinham se repetindo e mesmo a dificuldade com o sono. Não estava disposta a contar a sua vida íntima a ninguém, mas o médico saberia driblar essa dificuldade. Enquanto via os exames de ressonância magnética, o médico pergunta-lhe sobre a família, a rotina no lar e também sobre sequelas do acidente.

- Só não morri por Deus... Saí quase ilesa, com uma luxação no pescoço - falou, sem dar mais detalhes.

Diante do silêncio do psiquiatra, continuou:

- Doutor... Eu já passei por vários médicos. Passei por dois cardiologistas e um clínico geral. Um deles diagnosti-



cou apenas stress passageiro. Outro qualificou os sintomas como de ordem psicossomática. Uma amiga minha, psicóloga, suspeita que esteja com síndrome de pânico...

- Como tem dormido? - perguntou o médico, buscando mergulhar mais fundo no psiquismo da paciente.

- Mal... Às vezes acordo no meio da noite com pesadelos horríveis. Durante o dia, em casa ou no trabalho, mesmo quando estou dirigindo, sou tomada por sensações estranhas... Eu sinto que fiquei diferente. Não posso explicar. Então as mãos esfriam. O coração dispara... Da última vez, cheguei a pensar que estava sendo vítima de um infarto.

O médico, dos seus cinquenta e poucos anos, interrompeu a anamnese para auscultar os batimentos cardíacos da paciente, que não mostraram qualquer alteração. Examinou as pupilas e, então, levantando-se, convidou a paciente a acompanhá-lo até a sala contígua.

Ali, um grande aquário adornava a sala, com peixes de todos os tamanhos e nas cores mais exuberantes. Mostrou alguns objetos na estante. Os quadros, à direita, chamaram atenção de Larissa.

- Gosto dos impressionistas...

- Este é Monet. Aquele, Renoir... - apontou o médico.  
- São pinturas mediúnicas.

- Como assim? - quis saber Larissa, vivamente interessada.

- Esses mestres da pintura voltaram a pintar. Eu arrematei as obras numa mostra de arte, beneficente.

Larissa sabia que doutor Fábio era reconhecido nos meios acadêmicos e também por seu trabalho no Insti-

tuto de Pesquisas Palingenéticas, fundado por ele. Mas não estava disposta a fazer hipnose ou qualquer outra terapia alternativa. Queria mesmo um remédio que a livrasse daqueles sintomas e a fizesse voltar logo à vida normal.

- Então, doutor... Não vai me receitar um remédio?

- Não. Estou avaliando o que vem tomando.

- Mas e a síndrome? Esses calafrios e pesadelos? Não acha que estou com alguma coisa ruim? Há muita gente invejosa no Banco...

O médico sorriu.

- Qual a sua religião?

- Católica... Na verdade não sou religiosa. Meus pais frequentam um centro espírita. Tenho uma irmã que também vai a cultos...

- Não seria hora de escolher uma religião? Você é mãe de três filhos. Que valores tem transmitido a eles?

- Eu sempre ensinei coisas boas. Eles são ótimos filhos. Nenhum deles tem vícios. Quero dizer.... Vícios em drogas. Todos estão estudando e trabalhando. Tudo que peço é que sejam corretos, honestos... Valores que meus pais me ensinaram, passo também a eles.

- Você tem feito preces?

- Na Igreja? Não... Só em casa. Antes de dormir.

- Pois então passe a orar mais. Procure encontrar-se com Deus, seguir uma religião. Isso vai te fazer bem.

- Não vai me receitar um remédio?

O médico puxou o receituário, prescreveu uma medicação e tornou dizendo:

- Este calmante vai te fazer dormir melhor. Mas os

sintomas só vão cessar se mudar os pensamentos. O modo de ver a vida...

- Calmante?

- Você é uma mulher bonita. E pelo que vejo é também vaidosa. Se dedicar à alma um pouco do que dedica ao corpo, vai ficar bem.

Larissa sentiu-se ofendida. Mas manteve silêncio. O médico então continuou:

- *Mens sana in corpore sano...* Um filósofo grego ensinava que a mente sã faz o corpo sã. Como vê, mente sã em corpo sã, nesta ordem. Para se estar bem no corpo, é preciso estar em paz. É saudável cuidar do corpo; mais saudável ainda é cuidar da alma.

O médico conseguiu mexer com Larissa. De fato, não fossem casamentos e outras cerimônias religiosas, não se lembrava da última vez que entrara numa igreja. Não era de assistir a cultos. Os pais já a haviam convidado, por várias vezes, para as palestras no centro espírita. Mas não se sentia disposta a acompanhá-los.

- Respeito todo mundo e procuro agir direito. Mas que ninguém pise no meu calo...

O psiquiatra sorriu. Pegou uma cesta com pequenos canudinhos de papel e pediu que a paciente tirasse um. Caminhou de volta à sala de consulta:

- Voltamos a conversar em trinta dias. Tem o meu celular, caso precisar - falou, enquanto abria a porta. A assistente conduziu a paciente até o elevador.

Larissa se foi, e o médico então voltou à mesa, pensativo:

- O que é a doença senão a ausência do amor em

nossos atos? Temos aqui um quadro típico de obsessão pertinaz, com todos os seus ingredientes. Falarei com os amigos do Vinha de Luz. É um caso para ser acompanhado com muita atenção...

### III

## VINHA DE LUZ

DO MUNDO ESPIRITUAL, VICENTE, que havia acompanhado o retorno de Larissa à nova existência física, procurava auxiliá-la com a emissão de fluidos e intuições, despertando-lhe ideias novas e o interesse por causas nobres. Sua assistida registrava as intuições, mas não mantinha sintonia duradoura. Aqueles pensamentos lhe vinham de forma fugaz e logo eram esquecidos no turbilhão da mente em desalinho.

Suas emoções eram um torvelinho de angústias, o que dificultava a ação dos benfeitores espirituais. Estava meio deprimida, mas bastava um comprimido para tirá-la daquele estado. Aquilo já começava a criar nela uma dependência química.

Larissa retornou ao lar, em companhia da filha Sirlene. Não queria que alarmasse os demais. Desfez o pequeno laço e abriu o rolinho de papel, que guardava curta mensagem:

*A Terra não é exílio. Nem é mundo inferior. Pensa na perfeição da vida que nos cerca; o sereno esplendor de cada amanhecer; o ouro da luz solar e a prata das estrelas. As plantas generosas e as fontes de água pura. Se algum erro aparece, devemos isso a nós.* **Emmanuel**/F.C. Xavier.

Falou com a mãe. E esta não perdeu tempo. Sabia que o doutor Fábio ia recomendar algo assim.

– Nesta quarta, vamos juntas ao centro. Quero que conheça nossos amigos Júlio e Valéria.

– Quem? Não sabe que foram eles que me socorreram no acidente?

– Eles são nossos amigos! Valéria é médium dedicadíssima. Júlio é um dos dirigentes do centro. Ah, minha filha! Veja... Não por acaso essas pessoas estão em nosso caminho.

Embora não conhecesse a fundo, Larissa simpatizava-se com a doutrina de Allan Kardec. Do pouco que ouvira dos pais, encontrara resposta para muitas das suas perguntas. Mas isso ainda não era o bastante para tirá-la daquele estado depressivo.<sup>2</sup>

Do outro lado da Vida, Vicente, Otávio e demais membros da equipe socorrista da Colônia Simeão<sup>3</sup> estavam agora mais confiantes nos progressos de Larissa. Mas isso não significaria o fim das tribulações. Mas o começo.

---

2 Para a ciência oficial, materialista, a depressão está relacionada a uma deficiência de hormônios cerebrais (dopamina, serotonina). À luz do espiritismo, a deficiência hormonal não é a causa, mas um efeito.

3 Como já anunciara Jesus: “Há muitas moradas na casa de meu Pai”. Isto é, além dos mundos da vastidão cósmica, o Universo inclui os mundos da erraticidade, transitórios, como o descrito por André Luiz em *Nosso Lar*, obra psicografada por F. C. Xavier.

- Esta noite, quando entrar em outra faixa vibratória, diferente da que se encontra, poderemos agir sobre o seu psiquismo e prepará-la para o sono - ponderou Vicente. - Contaremos com os irmãos do Vinha de Luz!

No início da noite, o núcleo espírita já tinha um pequeno número de pessoas à porta da câmara de passes. Em outro recinto, ao som de música suave, quatro pessoas também aguardavam. O orientador veio ao encontro delas e entregou-lhes mensagens avulsas, com lições de conforto e encorajamento espiritual. Momentos depois, Larissa era recebida na entrevista de praxe.

Invisíveis aos encarnados, Vicente e Otávio atuavam diretamente no campo psíquico da entrevistadora, que registrava as instruções dos benfeitores.

- Sua mãe falou a seu respeito. Que bom que você veio...

- Os médicos diagnosticaram síndrome do pânico. Mas o doutor Fábio parece seguir noutra direção...

- Aos médicos cabe a cura do corpo. Aqui, porém, procuramos tratar os males da alma.

- Ele me passou apenas um calmante. Os psicotrópicos, pediu para parar com todos. Eu confesso até que estou melhor, mas ainda durmo mal. Quando consigo adormecer, tenho pesadelos. Figuras horríveis aparecem à minha frente... É horrível. Não desejo isso para ninguém!

Ali estava a brecha para a intercessão dos benfeitores espirituais, que estreitaram sintonia, pelas ondas do pensamento, com a entrevistadora.

- Pois, então, procure orar antes de dormir. Não me re-

firo à prece automática, que fazemos apenas pelos lábios, mas à prece feita com o coração. Peça ajuda a Deus, aos bons espíritos, a fim de que, ao desprender-se do corpo físico, durante o sono, possa ser amparada por eles... Você já tem este livro? – falou Valéria, apontando-lhe, sobre a mesa, um exemplar de *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

– Sim... O senhor Júlio já me presenteou com um destes. Aliás, quero agradecer pelo que fizeram por mim naquele dia.

As lágrimas brotaram nos olhos de Larissa, e a voz embargou por completo. Buscava o lenço na bolsa, quando Valéria lhe falou:

– Eu sei, minha filha. Agradeça a Deus... Com certeza, a Providência Divina intercedeu em seu favor. Agora, precisamos dobrar a vigilância, para não cair de novo nessas armadilhas.

– Como assim? Tem alguma coisa ruim comigo? Eu sinto que às vezes fico estranha...

– Por ora, só posso te pedir que pense só no Bem e mantenha as mãos ocupadas. Dedique-se ao trabalho, mas também a toda ocupação útil em favor de alguém... Você entende? Vamos aplicar-lhe um passe e em seguida vá para o salão principal. Quando chegar o tempo certo, poderá participar do nosso grupo de estudos.

Valéria já ia se levantando, mas Larissa decidiu falar ainda:

– Minha vida afetiva é um fracasso! Só Deus sabe o que eu devo ter feito para sofrer assim!

A boa senhora olhou-a com ternura, o que lhe permitiu desabafar.



- Desde o meu primeiro relacionamento sério, só tenho colecionado desilusões. Minhas irmãs são casadas e felizes. Eu não. Talvez seja praga de alguém, porque desfiz o noivado há uma semana do casamento. Devolvi as alianças ao meu noivo e fui morar com meu atual companheiro, pai de meus três filhos... Quero dizer, dois. Breno, o mais velho, é filho de meu falecido noivo. Eu mantive segredo sobre isso até que ele completasse os 12 anos. Felizmente, a reação de Marcos foi surpreendente. Ele tem sido um bom pai para Breno.

- Os laços espirituais prevalecem sobre os laços da consanguinidade - atalhou Valéria.

- Isso é verdade. Porque Breno sempre foi paparicado pelos avós paternos, que o tinham por neto, bem como pelo tio Floriano e tia Elza, que o tinham como o primeiro sobrinho. Sirlene e Thiago, por sua vez, aceitaram sem problemas a notícia de que eram irmãos apenas por parte de mãe. Foi o próprio Breno quem revelou esse segredo a eles, quando foram juntos ao McDonald's. Eu tenho três lindos filhos. Eu é que não consigo ser feliz!

- A felicidade ainda não é deste mundo. Gozamos felicidade relativa, porquanto habitamos um planeta de provas e expiações... A Terra é uma escola na qual ninguém passa de ano se não estiver apto para avançar para o grau seguinte. Estou falando do crescimento moral, no campo das virtudes.

A mulher soluçou. Era de fato infeliz, talvez por sua própria culpa, mas era infeliz. Estava sofrendo uma desilusão amorosa, mas não era portadora da depressão. Tinha transgredido as leis divinas, mas não podia lem-

brar-se de vidas passadas. O que lhe pesava mais forte na consciência era a morte do noivo, que, após o rompimento, dirigira a motocicleta de forma imprudente, vindo se chocar violentamente contra um canteiro na via pública.

Valéria apenas ouvia. Amparou a interlocutora sem permitir que a entrevista se convertesse num longo confissãoário. Ergueu-a, gentilmente, e com um sorriso falou:

– Vá à câmara de passes. Depois nos veremos no salão. Confie em Deus... Não se esqueça de ler o Evangelho, ao menos uma página, todas as noites.

Como sempre, a batalha entre bem e mal, luz e sombra, fazia-se presente na pessoa de Larissa, com as suas angústias e planos extremamente perigosos para a alma desesperada. No salão, Júlio expunha a lição da noite, de forma inspirada, discorrendo sobre a lei de justiça, amor e caridade.

– Aprendamos a perdoar, para que sejamos também perdoados. Por resistir ao alvitre do Mestre, que pede para perdoar até setenta vezes sete, permanecemos atrelados, almoz e vítima, algemados um ao outro por seguidas reencarnações (...). Por recusar o amável convite, somos levados hoje ao juiz, no tribunal da consciência, para quitar o débito contraído. E como assinalou o meigo rabi: – Dali não saireis até que tenhais pago o último ceutil.